
O sítio campaniforme de São Gregório (Caldas da Rainha)*

JOÃO LUÍS CARDOSO**

R E S U M O

A estação campaniforme de São Gregório (Caldas da Rainha), uma das mais setentrionais da Estremadura, caracterizada pela ocorrência de produções campaniformes incisas, corresponde certamente a um pequeno sítio de carácter familiar, que se integraria, como os seus homólogos da Baixa Estremadura, em espaços económicos alargados, geridos por povoados mais importantes, situados em locais estratégicos. Na região imediata, sítios semelhantes aos de Outeiro de São Mamede (Bombarral) e Outeiro da Assenta (Óbidos), ainda não cabalmente identificados, poderiam corresponder a essa realidade dual da ocupação humana do território no decurso da segunda metade do III milénio a.C.

A B S T R A C T

The beaker site of São Gregório (Caldas da Rainha), one of the northernmost of the Estremadura region, is characterized by the occurrence of incise beaker fragments and corresponds surely to a small establishment of a familiar basis. It was integrated, like its homologous settlements of Low Estremadura, in large economic areas managed by more important settlements located in strategic places. In the adjacent region similar sites are unknown but they would be similar to those of Outeiro de São Mamede (Bombarral) and Outeiro da Assenta (Óbidos), illustrating the dual reality of the human occupation of the region during the second half of the 3rd millennium BC.

1. Localização e condições de jazida

No decurso da prospecção arqueológica realizada em Abril de 1997 por João Carlos Caninas e Francisco Henriques para a firma Inovação e Projectos em Ambiente, Lda. no âmbito do Estudo de Incidências Ambientais do Lanço Caldas da Rainha-Rio Maior da auto-estrada do Oeste, foi identificada uma mancha de distribuição de materiais arqueológicos à superfície. Tal sítio, no referido estudo, foi registado com a designação Charneca de São Gregório 2 e descrito do seguinte modo:

Grande quantidade de cerâmicas lisas, incluindo bordos, e decoradas (campaniformes), um fragmento de machado, alguns sílices e argila de cobertura. Ocorrência na ponta de uma cumeada ocupada por um eucaliptal com cerca de 3 anos. Grande revolvimento do solo com espalhamento de cerâmica por ambas as encostas numa área de 600 m².



Fig. 1 Localização do sítio de São Gregório na Península Ibérica (a) e na Carta Militar de Portugal na escala de 1/25 000, Folha 339, Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército (b), correspondendo ao n.º 18, enquadrado por outras ocorrências pré-históricas (n.ºs 17, 19 e 20), de reduzida importância.

Este local corresponde na Fig. 1b ao *locus* 18; os *loci* 17, 19 e 20 correspondem, respectivamente, a achado isolado de um fragmento de cerâmica pré-histórica muito rolado, com duas linhas incisivas; a pequeno conjunto de fragmentos cerâmicos dispersos ocupando área com cerca de 100 m² virada a poente; e a um pequeno conjunto de restos de talhe, de sílex, associados a profundo revolvimento do solo.

As coordenadas hectométricas UTM do locus 18, o único que será objecto de estudo detalhado, são as seguintes: MD 973540 (Fig. 1a e 1b).

Administrativamente, o local pertence ao concelho de Caldas da Rainha, distanciando-se da povoação de São Gregório da Fanadria cerca de 2,5 km para SE.

A intensa cobertura do terreno por eucaliptos jovens (Fig. 2) dificultou os trabalhos da prospecção, os quais, no entanto, conduziram à recolha, por área dispersa, devido ao revolvimento dos terrenos, de um conjunto assinalável de fragmentos cerâmicos, cuja escassa densidade, contudo, não era suficiente para considerar a existência de um povoado, mas simplesmente de um pequeno núcleo habitado, pequena granja ou casal agrícola de cunho familiar, implantado em local com boas condições de visibilidade, tal como acontece com a generalidade dos homólogos conhecidos da região meridional da Estremadura.

A evidente coerência do conjunto e a ausência de rolamento dos materiais reforçavam aquela conclusão, contrariando a hipótese de provirem de outro local, ou de corresponderem a misturas de espólios de diversas épocas. Encontrava-se deste modo justificado o seu estudo, por ilustrar, conjuntamente com outras ocorrências com as mesmas características conhecidas mais a sul, a estratégia de ocupação do território e de exploração dos respectivos recursos.



Fig. 2 São Gregório. Vistas do local das recolhas de espólios campaniformes.

2. Estudos dos materiais

2.1. *Indústrias líticas*

Conservam-se apenas três artefactos líticos, todos de sílex, dois de coloração avermelhada, de origem regional, e outro de coloração cinzenta, de origem regional provável. Dos três, apenas um, correspondente a uma delgada lasca de coloração avermelhada (Fig. 3 a), com indícios de utilização num dos bordos laterais, possuindo brilho de cereal, e por isso reportada a um elemento de foice, se encontra representada (Fig. 3 b).

Os outros dois artefactos correspondem a núcleos irregulares, ambos orientados para a extração de lâminas e lamelas.

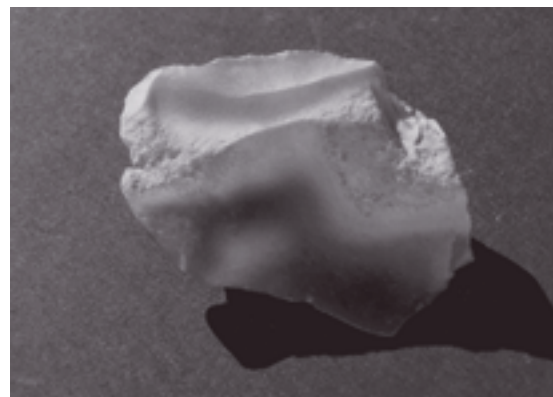
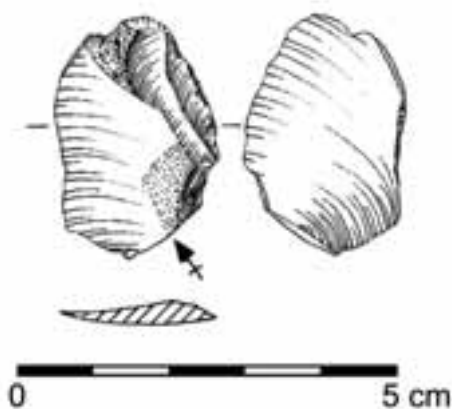


Fig. 3 Lasca de sílex castanho-avermelhado (a), com vestígios de utilização num dos bordos laterais como elemento de foice (b).

3. Produções cerâmicas

3.1. *Cerâmicas decoradas*

Recolheram-se 22 fragmentos decorados, todos eles incluídos no grupo das cerâmicas campaniformes, dos quais se desenharam 19 exemplares. As pastas mostram-se em geral de má qualidade, grosseiras a muito grosseiras, mesmo nos exemplares correspondentes a pequenos recipientes,

podendo incluir e.n.p. de quartzo com quase 5 mm de diâmetro, friáveis e de coloração castanha, em ambas as superfícies e no núcleo, embora este se afigure muitas vezes mais escuro, de tonalidade anegrada.

As superfícies possuem frequentemente uma aguada para as tornar mais regulares e suaves ao tacto. Trata-se, por certo, de uma produção cerâmica homogénea e expedita, de carácter utilitário, onde os exemplares lisos, pelas características de qualidade, cozedura ou acabamento em nada se diferenciam dos decorados.

Do ponto de vista decorativo, 19 fragmentos ostentam a técnica incisa, por vezes associada à técnica impressa ou à do puncionamento oblíquo; apenas 3 fragmentos exibem a técnica a pontilhado, sendo para tal utilizada matriz de dentes de secção sub-rectangular.

Tendo presentes a forma dos recipientes e as suas dimensões, a técnica e os padrões decorativos, foi possível elaborar a seguinte distribuição:

- caçoilas de grandes dimensões com decoração incisa – 1 ex. (Fig. 5, n.º 1);
- caçoilas de dimensões médias com decoração incisa – 8 exs. (Fig. 4, n.ºs 1, 2 e 4; Fig. 5, n.ºs 3, 4, 6 e 7; Fig. 6, n.º 2). Três destes exemplares (Fig. 4, n.º 2, Fig. 5, n.º 4 e Fig. 6, n.º 2) possuem uma banda horizontal com decoração pseudo-excisa, constituída por puncionamentos mais ou menos oblíquos alternados, encontrando-se a referida banda delimitada de ambos os lados por bandas com preenchimento interno de linhas incisadas oblíquas;
- caçoilas de pequenas dimensões com decoração incisa – 1 ex. (Fig. 6, n.º 1);
- caçoilas de dimensões pequenas a médias com decoração pontilhada – 1 ex. (Fig. 6, n.º 3);

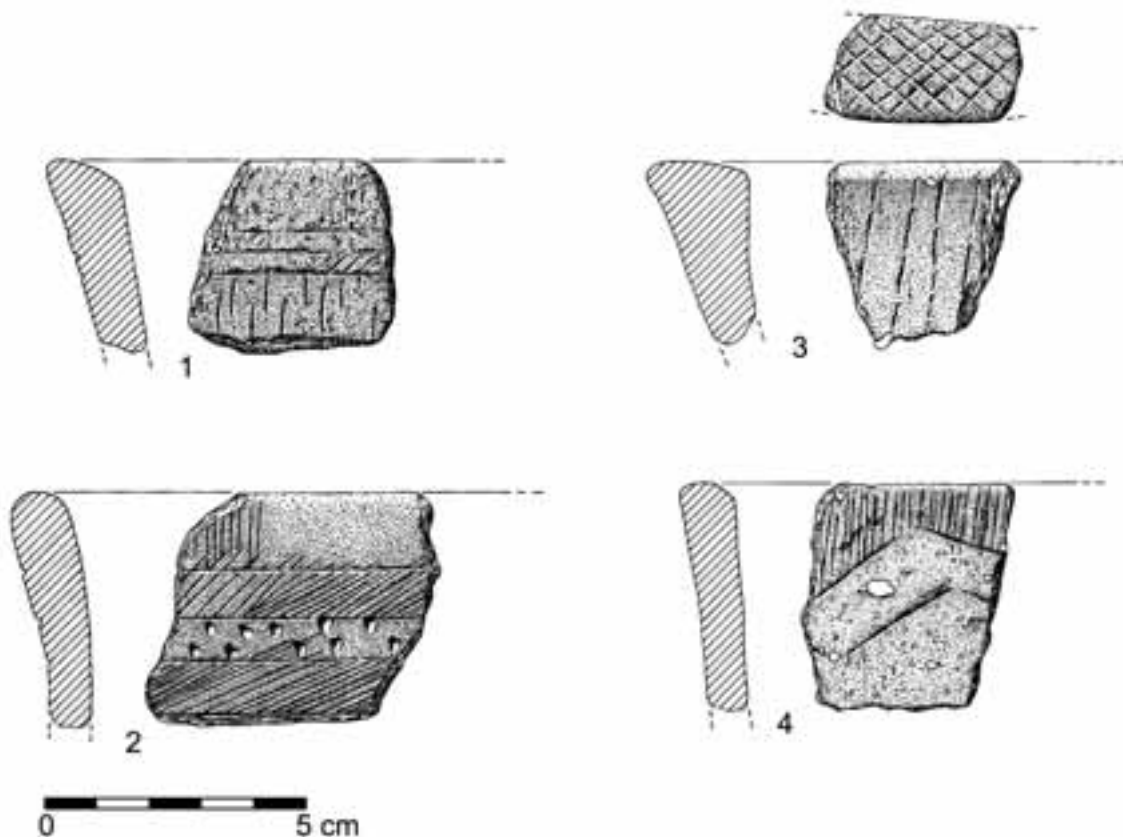


Fig. 4 São. Gregório. Cerâmicas campaniformes decoradas.

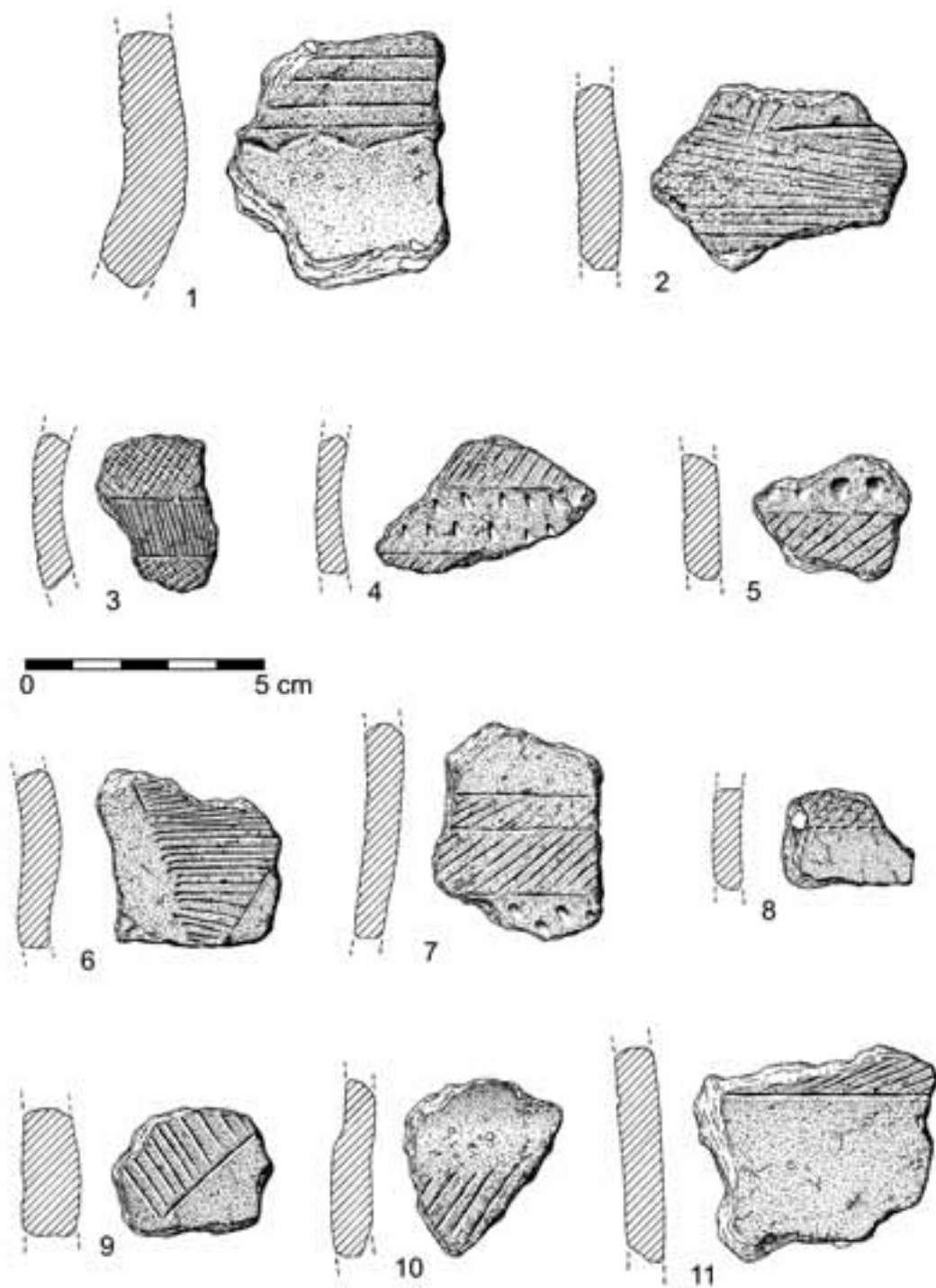


Fig. 5 São. Gregório. Cerâmicas campaniformes decoradas.

- taças Palmela com decoração incisa – 2 exs. (Fig. 4, n.º 3). O exemplar desenhado possui a particularidade de a decoração incisa, presente apenas no lábio aplanado, se associar a rara técnica correspondente a decoração formando linhas verticais interrompidas, na parede externa do recipiente; a este, acresce outro exemplar não desenhado, de pequenas dimensões;
- taça Palmela com decoração a pontilhado – 1 ex. (Fig. 6, n.º 4).

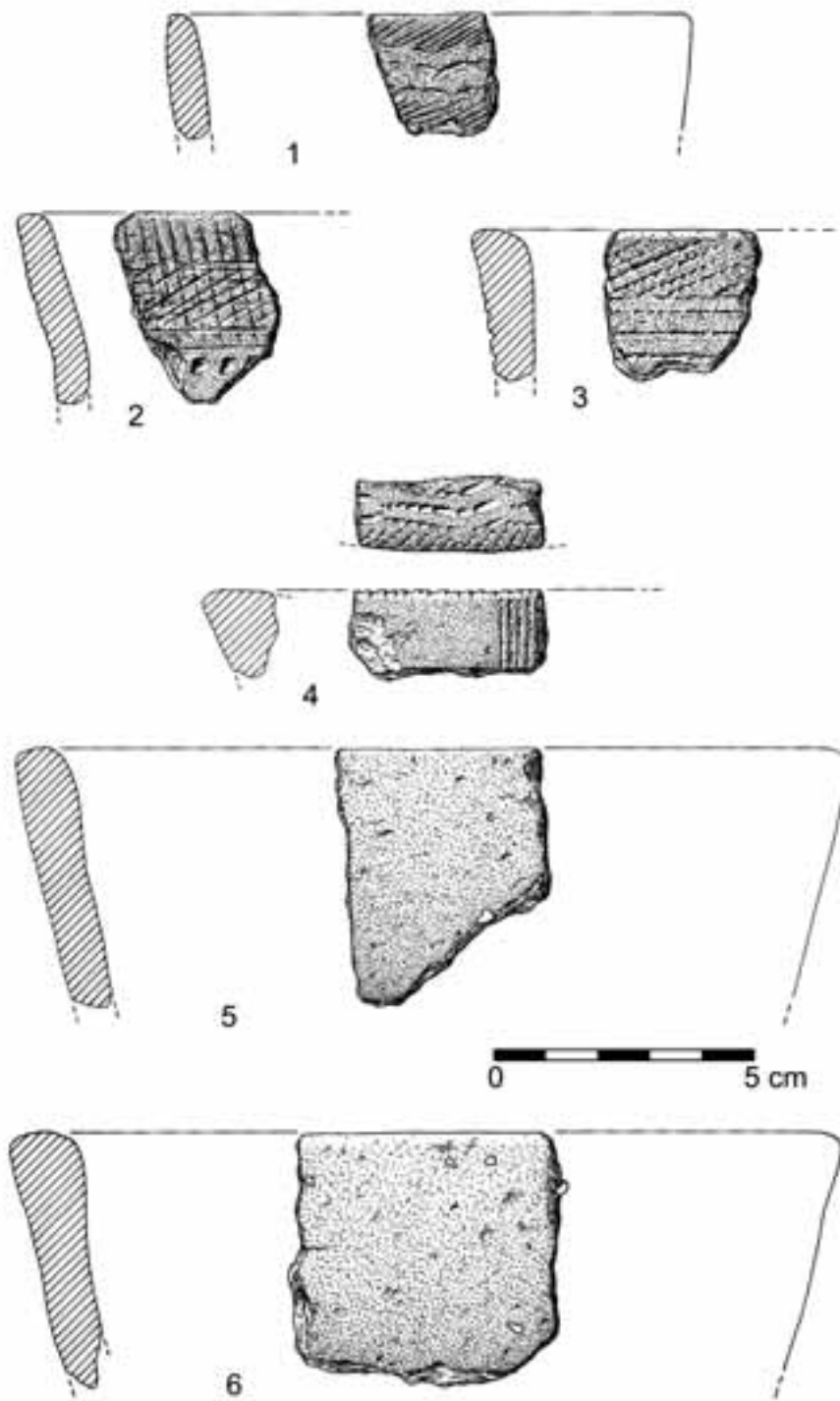


Fig. 6 São Gregório. Cerâmicas campaniformes lisas e decoradas.

Os restantes fragmentos pertencem a recipientes de tamanho médio, de forma inclassificável, provavelmente na maioria dos casos a caçoilas, dos quais um ostenta a decoração incisa associada à técnica do puncionamento oblíquo, recorrendo para tal a uma ponta romba aplicada na pasta mole (Fig. 5, n.º 5). Um outro possui decoração a pontilhado (Fig. 5, n.º 8), ostentando os restantes a decoração incisa.

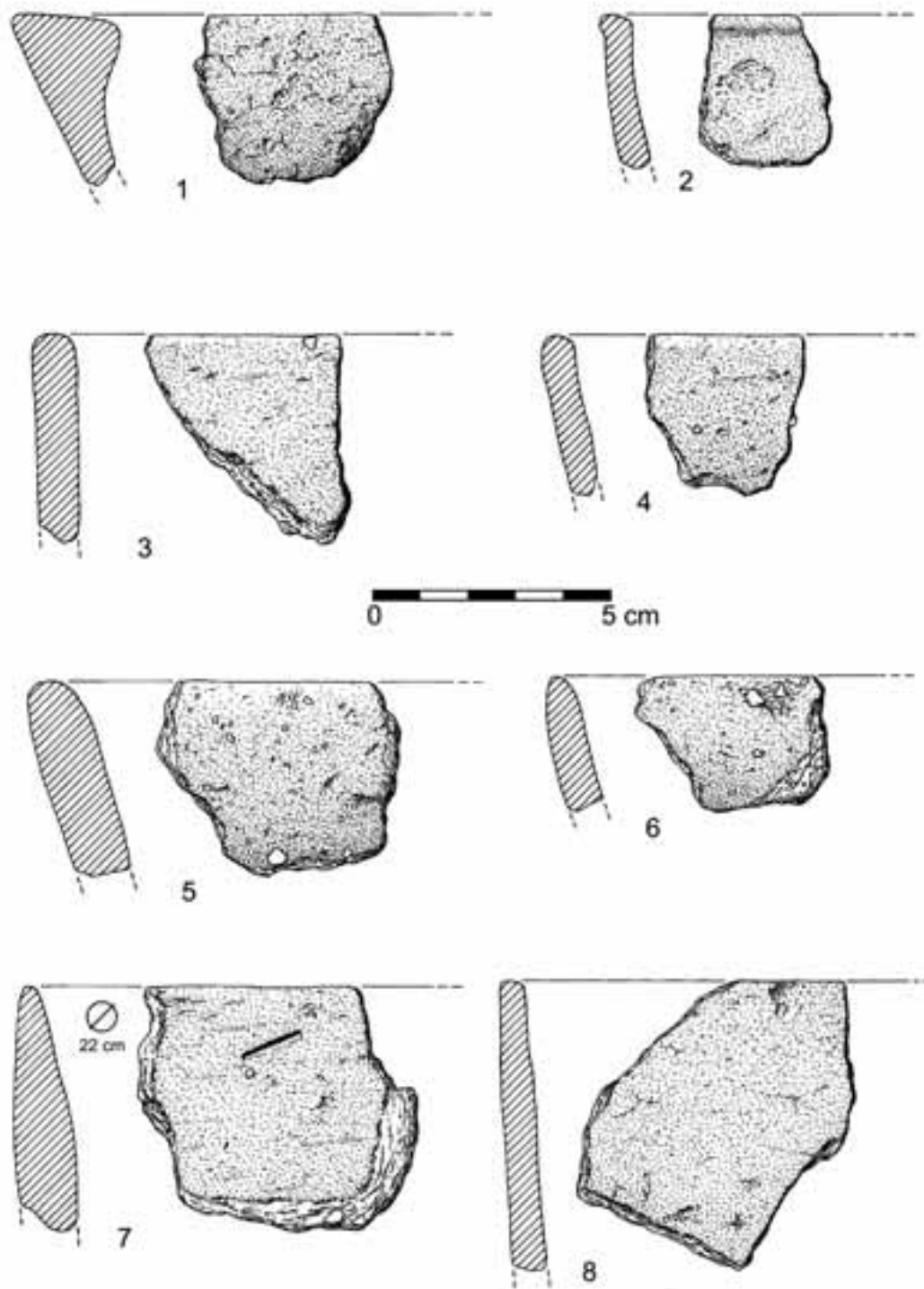


Fig. 7 São Gregório. Cerâmicas campaniformes lisas.

De forma geral, evidencia-se assinalável homogeneidade do conjunto, tanto nas técnicas utilizadas, com predominância quase absoluta da técnica incisa, com 19 em 22 ocorrências, como nos motivos decorativos, monótonos e pobres, com exceção do motivo pseudo-exciso, realizado porém com técnica muito fruste e descuidada, presente em 3 fragmentos.

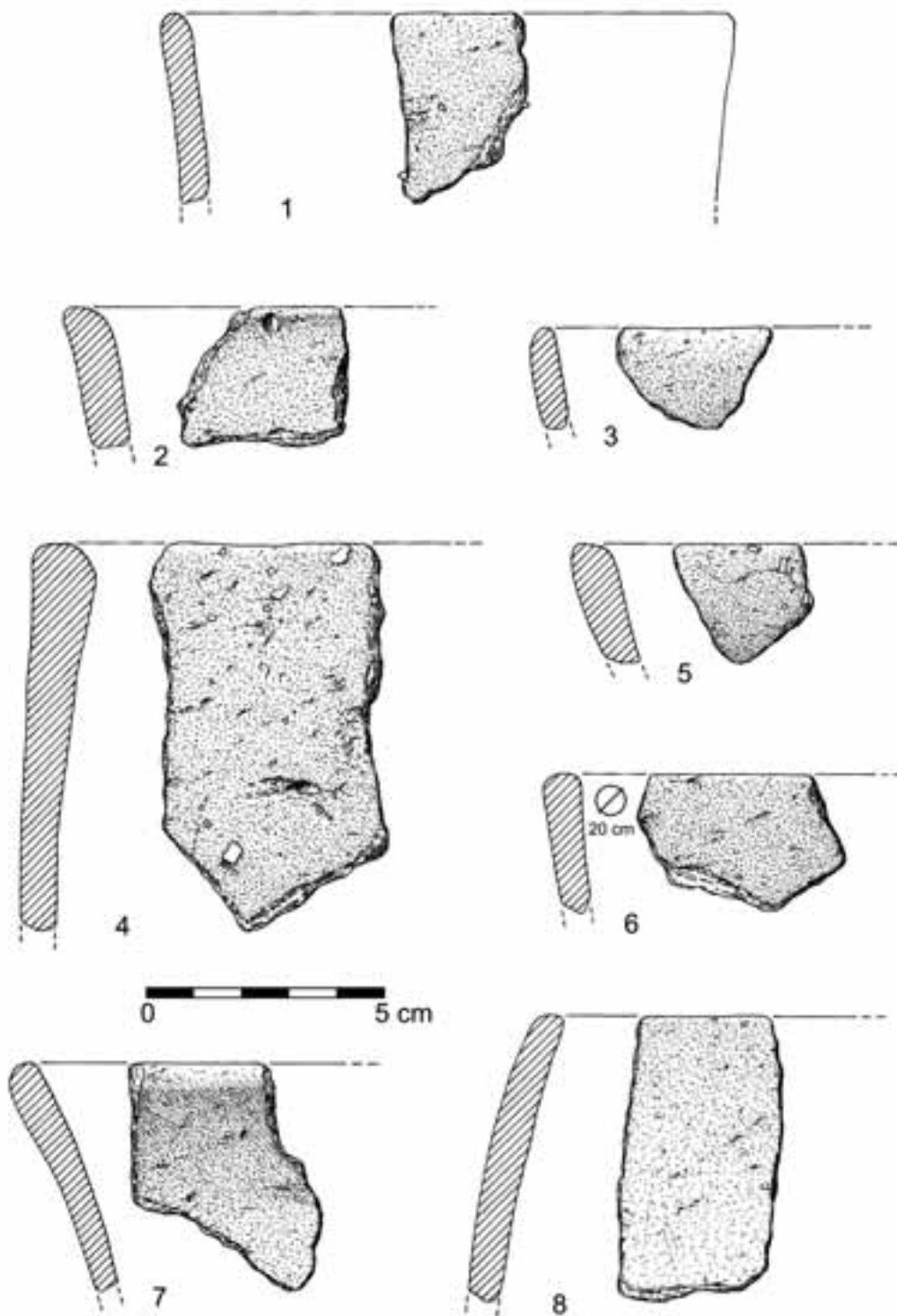


Fig. 8 São Gregório. Cerâmicas campaniformes lisas.

3.2. Cerâmicas lisas

O número de fragmentos de recipientes lisos identificáveis ascende a 18 exemplares com bordo, todos eles reproduzidos nas Fig. 6, n.ºs 5 e 6; Fig. 7, n.ºs 1 a 8; e Fig. 8, n.ºs 1 a 8, integrando-se nas seguintes formas principais:

- caçoilas: ao bordo e colo de caçoilas de dimensões médias, com equivalentes nos tamanhos dos exemplares decorados, pertencem os fragmentos representados nas Fig. 6, n.ºs 5 e 6; Fig. 7, n.ºs 3, 4, 5, 7 e 8; Fig. 8, n.ºs 1, 2 e 7, totalizando assim 10 exs.; nalguns casos, o perfil acima do colo, que é vertical, poderia configurar recipientes de corpo cilindroide, de paredes verticais, mas existem também caçoilas cujo perfil acima do colo tem aquela configuração;
- esféricos: recolheram-se dois exemplares (Fig. 8, n.ºs 4 e 8), forma que é comum desde o Calcolítico ao Bronze Final na área estremenha;
- taças em calote de bordo simples: a diferenciação entre esta forma e a anterior, com base nos fragmentos disponíveis, nem sempre é evidente; prova disso é a existência de, pelo menos, um exemplar de difícil classificação (Fig. 8, n.º 6). O critério que foi seguido para considerar os fragmentos das Fig. 7, n.º 6 e Fig. 8, n.ºs 3 e 5 dentro desta categoria decorre da sua acentuada curvatura da parede, que inviabiliza a hipótese de existir um um colo, por mais acentuado que ele fosse;
- taças em calote de bordo espessado: 1 ex., comum em contextos calcolíticos estremenhos (Fig. 7, n.º 2);
- taças Palmela lisas: 1 ex. (Fig. 7, n.º 1).

Verifica-se deste modo que a produção cerâmica, lisa e decorada, é dominada pelas caçoilas de médias e, mais raramente, de grandes dimensões, que serviriam essencialmente para preparar, consumir e armazenar os alimentos; a esta última função estariam associados os raros esféricos recolhidos; já as taças em calote, de bordo simples ou espessado, a par das taças Palmela, estariam relacionadas com o consumo alimentar.

A semelhança da natureza das pastas e da qualidade das mesmas é evidente, sejam os recipientes lisos ou decorados; assim, ambos os grupos estavam associados às funções domésticas, respondendo às necessidades de uma pequena comunidade instalada no local em apreço.

3. Integração regional

O conjunto campaniforme ora estudado inscreve-se no escasso reportório de estações registadas na região com ocorrências de materiais comparáveis. Assim, a distribuição geográfica apresentada por R. J. Harrison (1977, Fig. 22), assinala, como sítios mais setentrionais da área estremenha, com espólios campaniformes, os seguintes:

- 85 – Grutas de Pernes (Santarém) – possuem escasso espólio, incluindo uma caçoila e uma taça Palmela decoradas pela técnica incisa (Carreira & Cardoso, 1990, Fig. 1, n.ºs 6 e 7);
- 86 – Gruta das Alcobertas (Rio Maior) – ao contrário do referido por Harrison, não possuem espólios campaniformes (Santos, Zbyszewski & Ferreira, 1971);
- 87 – Gruta do Carvalhal de Turquel (Alcobaça) – entre abundante espólio de diversas épocas, ocorre apenas um recipiente campaniforme: trata-se de uma caçoila de ombro, com decoração a pontilhado (Spindler & Ferreira, 1974, Abb. 19, n.º 114);

88 e 89 – Grutas de Alcobaça e das Redondas (Alcobaça) – ao contrário do assinalado por Harrison, não possuem espólios campaniformes, de entre o rico acervo arqueológico que continham (Gonçalves, 1978);

90 – Caldas da Rainha – sob esta designação, Harrison referia-se, provavelmente, às grutas da Senhora da Luz, as quais continham um único recipiente campaniforme: trata-se de uma garrafa decorada a pontilhado (Cardoso, Ferreira & Carreira, 1996, Fig. 47; Spindler, 1975, Abb. 2);

91 – Outeiro de São Mamede (Bombarral) – deste povoado pré-histórico, para além de um conjunto decorado que corresponde a interpretação local das decorações campaniformes, também presentes em outros povoados da região, designadamente no Outeiro da Assenta (Óbidos) e em Pragança (Cadaval), ocorrem exemplares de vasos campaniformes marítimos, acompanhados por caçoilas de ombro, também decoradas a pontilhado (Cardoso & Carreira, 2003, Fig. 60);

92 – Gruta da Amoreira (Óbidos) – deste sítio nada foi possível apurar, em virtude de os espólios actualmente localizáveis no Museu Nacional de Arqueologia não integrarem cerâmicas pré-históricas, contrastando com o rico acervo de materiais de pedra polida inéditos ali observados pelo signatário;

93 – Outeiro da Assenta (Óbidos) – tal qual o observado no sítio anterior, também neste povoado se recolheram, a par de produções campaniformes de inspiração local, fragmentos campaniformes clássicos, todos decorados a pontilhado e pertencentes quer a vasos marítimos, quer a caçoilas de ombro (Cardoso & Martins, 2009, Fig. 28);

O inventário apresentado ulteriormente por Thomas Bubner, para além das ocorrências consideradas por Harrison, acrescenta, para a região em causa, as seguintes (Bubner, 1979, Abb. 4):

58 – Vale Comprido (Rio Maior). Trata-se de recolhas efectuadas em 1938, por iniciativa de Manuel Heleno e no âmbito das suas investigações sobre o Paleolítico Superior da região. O conjunto campaniforme foi já publicado por J. R. Carreira (1995);

64 – Carneira (Rio Maior). Corresponde a local onde se recolheram, tal como no anterior, e sob direcção de Manuel Heleno, espólios importantes do Paleolítico Superior. Os materiais campaniformes teriam resultado, assim, de colheitas feitas na mesma época, conservando-se tal como aqueles, no Museu Nacional de Arqueologia, onde, no entanto, não foi possível actualmente proceder à sua localização.

82 – Gruta da Casa da Moura (Peniche). Nesta importante necrópole neolítica e calcolítica, não se conhecem materiais campaniformes (Carreira & Cardoso, 2001–2002), pelo que esta informação apresentada por Bubner é errónea;

86 – Columbeira (Bombarral). A terem existido espólios campaniformes, tratar-se-á de peças recolhidas no povoado fortificado da Columbeira e nas suas vizinhanças, onde se não identificaram, no entanto, nas escavações ulteriormente ali conduzidas por J. L. M. Gonçalves quaisquer materiais campaniformes; a pesquisa realizada no Museu Nacional de Arqueologia confirmou as informações de Bubner a tal respeito.

87 – Boa Vista (Rio Maior). É provável que se trate de sítio semelhante aos anteriormente mencionados da região de Rio Maior, representado pelas colheitas efectuadas na década de 1930 sob orientação de Manuel Heleno. Tal como os anteriores, não existem quaisquer elementos campaniformes entre os espólios actualmente conservados e observados pelo signatário no Museu Nacional de Arqueologia.

Em resultado das observações anteriores, verifica-se que, dos sítios enumerados por Bubner, em aditamento ao inventário de Harrison, apenas um, Vale Comprido, é relevante. Desta estação de carácter habitacional, de características semelhantes à agora estudada, foram referenciados 48 fragmentos decorados, sendo 13 pontilhados, 33 incisos e 2 decorados simultaneamente pelas duas técnicas. A larga predominância da técnica incisa constitui outro factor que o aproxima do de São Gregório; ao contrário, apesar de não se ter publicado qualquer tabela quantificando as diversas formas lisas presentes, as diferenças entre os dois conjuntos parecem reais, face aos comentários publicados (Carreira, 1995, p. 17). Destaca-se a importância das taças Palmela, representadas por cinco exemplares, dois decorados a pontilhado, outros dois incisos e um último decorado pela técnica mista.

Enfim, completando o enquadramento regional da estação agora dada a conhecer, importa referir o conjunto exumado por Manuel Heleno nas duas grutas artificiais da ribeira de Crastos (Caldas da Rainha) (Ferreira, North & Leitão, 1977). É possível que a totalidade do espólio exumado pertença a uma única fase da utilização funerária das duas grutas, cujas características arquitectónicas peculiares já foram salientadas (Jordão & Mendes, 2000, 2006–2007). O espólio, primeiramente dado a conhecer por O. da Veiga Ferreira e colaboradores, foi depois revisto, desenhado e acrescentado em virtude das novas escavações ali levadas a cabo pelos outros dois autores, sendo constituído, no que se refere ao conjunto campaniforme, por uma caçoila baixa de perfil suave decorada a pontilhado, uma caçoila carenada com decoração incisa, e duas taças Palmela, uma com decoração incisa, outra a pontilhado. Completam o conjunto um fragmento de bordo com decoração a pontilhado, e dois fundos de recipientes com decoração incisa. Uma vez mais, salienta-se a assinalável presença da taça Palmela.

4. Discussão

Apesar de escasso, o conjunto campaniforme recolhido em São Gregório é particularmente interessante por ilustrar as características das produções lisas que acompanhavam as decoradas em contexto doméstico, constituindo nessa medida um dos raros sítios habitacionais onde se encontra garantida a integridade e a homogeneidade do conjunto constituído por ambos aqueles grupos de produções. Neste aspecto, deve valorizar-se, para efeitos comparativos, o sítio campaniforme de Vale Comprido (Rio Maior), por ser muito semelhante ao agora dado a conhecer (Carreira, 1995), onde a proporção entre as cerâmicas lisas e decoradas (48/27) é algo superior à agora identificada (22/19).

As produções lisas possuem assinalável importância, denotando uma forte ligação às formas decoradas, sendo maioritariamente confeccionados os mesmos tipos de recipientes, aliás de assinalável monotonia formal, à semelhança do verificado com as formas decoradas, as quais são nitidamente dominadas pelas caçoilas com decorações de bandas e “chevrons” incisos. Tal realidade sublinha a falta de sustentabilidade da hipótese de os recipientes campaniformes decorados possuírem, nesta, como noutras estações campaniformes de índole habitacional, funcionalidades distintas dos não-decorados.

A monotonia das produções é sublinhada pela completa ausência de formas como o vaso campaniforme marítimo e as caçoilas de ombro, a par da dominância da técnica incisa sobre a pontilhada (19/3), muito superior à verificada na estação homóloga de Vale Comprido, onde aquela relação é de 33/13. Tal realidade leva a integrar claramente esta estação no “Grupo Inciso” tal como este foi definido para a área estremenha (Soares & Silva, 1974–1977), sem que, contudo, esta conclusão implique obrigatoriamente uma época tardia para estas produções, no quadro das

cerâmicas campaniformes estremenhas. Por outro lado, a sua relação com os conjuntos campaniformes da Meseta é ilustrada pela presença de três fragmentos com bandas decoradas pela técnica pseudo-excisa, também presente em Vale Comprido, contrastando com a sua evidente escassez nas zonas meridionais da Estremadura, apesar da extraordinária abundância de produções campaniformes ali verificada.

Do ponto de vista tipológico, a realidade observada nos conjuntos campaniformes dos dois únicos sítios abertos e sem condições naturais de defesa de carácter habitacional até ao presente claramente conhecidos da região setentrional da Estremadura – São Gregório e Vale Comprido – onde é esmagadora a predominância das produções incisais, é comparável aos conjuntos recolhidos em sítios homólogos, também pertencentes ao “Grupo Inciso” que pontuam a fértil região a norte do estuário do Tejo (Cardoso & Carreira, 1996). Os sítios já datados correspondem aos núcleos habitacionais do Monte do Castelo (Oeiras) e de Freiria (Cascais), a que se somam o conjunto da Cabana EN de Leceia (Oeiras) e o conjunto recolhido na gruta funerária da Ponte da Laje (Oeiras). A cronologia de tais sítios, determinada por AMS sobre restos ósseos de mamíferos terrestres é a seguinte (Cardoso, 2010a-2011a):

Leceia Cabana EN

Beta-260295 – 3840±40 BP, cuja calibração a 2 sigma conduziu ao intervalo de 2460–2190 cal BC;
Beta-260296 – 3980±40 BP, cuja calibração a 2 sigma conduziu ao intervalo de 2580–2450 cal BC.

Monte do Castelo

Aquando da recolha, em área limitada, do conjunto de produções cerâmicas campaniformes a que acima se fez referência, coligiram-se também alguns restos ósseos e malacológicos cuja identificação e inventariação já foi apresentada (Cardoso, Norton & Carreira, 1996). Entre estes, contava-se o resto de dente de boi doméstico submetido a datação; o resultado foi o seguinte:
Beta-296579 – 4030±40 BP, cuja calibração a 2 sigma, conduziu ao intervalo de 2630–2470 cal BC.

Freiria

Deste povoado campaniforme, ocupando uma zona de encosta de declive suave, obtiveram-se duas datações sobre ossos de animais domésticos. Ambas as amostras provêm da zona sul da área escavada e forneceram o seguinte resultado:

Beta-260301 – 3770±40 BP, cuja calibração a 2 sigma, conduziu ao intervalo de 2300–2120 cal BC.
Beta-296577 – 3630±40 BP, cuja calibração a 2 sigma, conduziu aos seguintes intervalos:
2130–2080 cal BC; 2060–1890 cal BC.

Considerando os intervalos das duas datações obtidas, é lícito admitir para a ocupação de carácter habitacional ali verificada uma cronologia situada no último quartel do III milénio a.C., prolongando-se pelos inícios do milénio seguinte.

Gruta da Ponte da Laje

O contexto funerário de época campaniforme da gruta da Ponte da Laje, situada no vale da ribeira da Laje (Oeiras), dominado igualmente pelas produções campaniformes incisais, foi recentemente datado através da seguinte análise (obtida através do projecto “The last hunter-gatherers and the first farming communities in the south of the Iberian Peninsula and north of Morocco, co-dirigido por J. F. Gibaja e A. F. Carvalho (projecto PTDC/HAH/64548/2006):
WK-25164 – 3846±30 BP, cuja calibração a 2 sigma conduziu ao intervalo de 2460–2200 cal BC, o qual se afigura estatisticamente compatível com os resultados anteriores.

Face aos resultados apresentados, as produções campaniformes incisas, que têm a sua melhor expressão nos pequenos núcleos rurais de raiz familiar que se estenderam pelos férteis terrenos da região a norte do estuário do Tejo, sendo os sítios abertos de São Gregório e de Vale Comprido os seus equivalentes mais setentrionais, correspondem a período de larga diacronia, ocupando toda a segunda metade do III milénio a.C.

Por outro lado, datações recentes de diversas ocupações campaniformes correspondentes a sítios de altura então fundados e fortificados, como é o caso dos povoados da Penha Verde (Sintra) e de Moita da Ladra (Vila Franca de Xira), dominados pela presença do “Grupo Internacional” (Cardoso & Caninas, 2010), onde pontificam o vaso marítimo e as caçoilas decoradas a pontilhado, tradicionalmente considerado como o grupo campaniforme mais antigo, na periodização de J. Soares e C. Tavares da Silva, vieram provar que a respectiva cronologia se situava, igualmente, ao longo da segunda metade do III milénio a.C., não se diferenciando deste modo da cronologia correspondente às produções incisas (Cardoso, 2010a–2011a, 2010b–2011b).

Assim, pode concluir-se que, ao longo da segunda metade do III milénio a.C., conviveram, na Estremadura, diversos grupos campaniformes, que se desenvolveram em relação com a natureza dos locais respectivos. Enquanto os locais fortificados são caracterizados pelas produções campaniformes do “Grupo Internacional”, dominadas pelo “vaso marítimo” com decoração a pontilhado de bandas horizontais preenchidas interiormente (padrão do tipo “herringbone”), nos pequenos sítios domésticos, implantados predominantemente em encostas suaves, de base familiar, e em estreita ligação com uma intensa actividade agro-pastoril, é o “Grupo Inciso” que domina largamente. Esta realidade sugere uma conclusão que importa discutir mais desenvolvidamente em futuro trabalho: admitindo que culturas materiais diferentes possam corresponder a grupos sociais de características distintas, é tentador interpretar as comunidades sediadas nos locais fortificados como socialmente distintas das que povoavam, ao mesmo tempo, os vastos territórios adjacentes. E, com efeito, as produções do “Grupo Internacional” diferenciam-se claramente das produções incisas pela superior qualidade de fabrico, aspecto que, deste modo, teria explicação na diferenciação económica e social existente entre os habitantes de ambos os tipos de locais. Esta hipótese fora, aliás, já apresentada, quando se procurou interpretar as diferenças verificadas na panóplia de cerâmicas campaniformes utilizadas, ao mesmo tempo, pela comunidade que vivia no interior da fortificação de Leceia, face aos grupos campaniformes estabelecidos no espaço exterior imediatamente adjacente, em duas cabanas de planta elipsoidal ali identificadas (Cardoso, 1997–1998) e retomada desde então em outros contributos. Que as produções campaniformes pudessem encontrar-se associadas, nas suas distintas características morfológicas e decorativas, a populações de raízes sociais distintas é o que ilustra a sua quase completa ausência de certos locais fortificados de assinalável importância, apesar de estes terem continuado ocupados até ao termo daquelas produções na área estremenha, nos inícios do II milénio a.C., como é o caso do povoado do Outeiro Redondo (Sesimbra) (Cardoso, Soares & Martins, 2010–2011).

Seja como for, a proliferação, no decurso da segunda metade do III milénio a.C., pelos espaços abertos da Estremadura, de inúmeros pequenos estabelecimentos agro-pastoris, como o de São Gregório, denunciam a intensa ocupação deste território, prenunciando o modelo que, posteriormente, ali viria a ser também adoptado no final da Idade do Bronze, cerca de mil anos depois. Nestes termos, a raridade das ocorrências campaniformes até agora detectadas na região setentrional da Estremadura resulta de diversos motivos, dos quais o menos importante não será por certo as lacunas de informação disponível, em resultado da ausência de trabalhos de campo sistematicamente conduzidos. Como a realidade demonstra, só situações de prospecção orientada, como foi o caso na

região em apreço na década de 1930 com Manuel Heleno e, mais recentemente, por via de estudos de impacto ambiental – como os que conduziram à localização do sítio de São Gregório – podem resultar em identificações de estações cuja principal característica é a dissimulação na paisagem, a par de outros, que, implantados em altos isolados, a controlavam.

5. Conclusões

A estação de São Gregório, caracterizada pela ocorrência de produções campaniformes incisas, corresponde certamente a núcleo habitacional de carácter familiar, reforçado pela existência de barro de revestimento de cabana, que se integraria, como os seus homólogos da Baixa Estremadura, em espaços económicos alargados, geridos por povoados mais importantes, situados em locais estratégicos, como é o caso, na região que nos interessa, de sítios como o Outeiro de São Mamede (Bombarral) e o Outeiro da Assenta (Óbidos), que prenunciam o modelo de compartimentação do espaço e de territorialização da Idade do Bronze. Tal como se verifica nos povoados fortificados da Baixa Estremadura, designadamente os fundados em época campaniforme, como o de Penha Verde (Sintra) e de Moita da Ladra (Vila Franca de Xira), também naqueles dois sítios ocorrem predominante ou mesmo exclusivamente produções campaniformes a pontilhado, integrando caçoilas de ombro e vasos marítimos, claramente pertencentes ao “Grupo Internacional”. Este era considerado até ao advento das datações sistemáticas por radiocarbono, especialmente as obtidas por AMS, como sendo mais antigo que o “Grupo Inciso”; contudo, foi demonstrado, depois da utilização sistemática deste meio de datação absoluta como dele contemporâneo, pelo menos na região estremenha. A distinção entre ambos os grupos, explicar-se-á, então, não por via de ser diferente a respectiva cronologia, mas por razões inerentes ao estatuto económico e social das populações que, quer nos sítios altos e fortificados, quer nos locais abertos e sem condições naturais de defesa, os produziam e utilizavam quotidianamente.

Agradecimentos

A Filipe Martins, os desenhos dos materiais arqueológicos.

Ao Eng. João Carlos Caninas, que colocou à disposição do signatário os resultados das suas colheitas realizadas em companhia de Francisco Henriques.

A Luísa Guerreiro, que, no Museu Nacional de Arqueologia, conduziu o signatário na procura dos espólios campaniformes das estações da região de Rio Maior ali supostamente conservados.

NOTAS

* Desenhos de Filipe Martins; fotos de campo de João Carlos Caninas e Francisco Henriques.

** Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras) cardoso18@netvisao.pt

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BUBNER, Thomas (1979) - Die äneolithische Siedlung auf dem Miradouro dos Capuchos. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg, 20, pp. 11–42.
- CARDOSO, João Luís (1997–1998) - A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 7, pp. 89–153.
- CARDOSO, João Luís (2010a–2011a) - Ocupação campaniforme de Leião (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 18, pp. 9–32.
- CARDOSO, João Luís (2010b–2011b) - O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 18, pp. 467–552.
- CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque (2003) - O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903–1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 11, pp. 97–228.
- CARDOSO, João Luís; FERREIRA, Octávio da Veiga; CARREIRA, Júlio Roque (1996) - O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, pp. 195–256.
- CARDOSO, João Luís; MARTINS, Filipe (2009) - O povoado pré-histórico do Outeiro da Assenta (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 17, pp. 261–356.
- CARDOSO, João Luís; NORTON, José; CARREIRA, Júlio Roque (1996) - Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, pp. 287–299.
- CARDOSO, João Luís; SOARES, António Manuel Monge; MARTINS, José Manuel Matos (2010–2011) - Fases de ocupação e cronologia absoluta da fortificação calcolítica do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 18, pp. 553–578.
- CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos (2010) - Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado. In GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina, eds. *Colóquio Internacional Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 4–7 Outubro 2005)*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 65–95.
- CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque (1996) - Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, pp. 317–340.
- CARDOSO, João Luís; MARTINS, Filipe (2009) - O povoado pré-histórico do Outeiro da Assenta (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 17, pp. 261–356.
- CARREIRA, Júlio Roque (1990) - O espólio arqueológico da Lapa do Saldanha – Pernes. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, 76, pp. 163–166.
- CARREIRA, Júlio Roque (1995) - O sítio campaniforme de Vale Comprido (Rio Maior, Santarém). *Al-madan*. Almada. Série II, 4, pp. 16–19.
- CARREIRA, Júlio Roque; CARDOSO, João Luís (2000–2001) - A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 10, pp. 249–361.
- FERREIRA, Octávio da Veiga; NORTH, Christopher Thomas; LEITÃO, Manuel (1977) - O espólio arqueológico das grutas da ribeira dos Crastos (Caldas da Rainha). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, 61, pp. 5–11.
- GONÇALVES, Victor S. (1978) - *A neolitização e o Megalitismo da região de Alcobça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- HARRISON, Richard J. (1977) - *The Bell Beaker cultures of Spain and Portugal*. Cambridge, MA: American Museum of Prehistoric Research, Peabody Museum, Harvard University.
- JORDÃO, Patrícia; MENDES, Pedro (2000) - As grutas de Ribeira de Crastos (Caldas da Rainha): reinterpretações de um sítio. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 18, pp. 11–60.
- JORDÃO, Patrícia; MENDES, Pedro (2006–2007) - As grutas artificiais da Estremadura portuguesa: uma leitura crítica das arquitecturas. *Arqueologia e História*. Lisboa, 58–59, pp. 43–78.
- SANTOS, Maria Cristina; ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga (1971) - A gruta pré-histórica das Alcobertas. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Lisboa: Junta Nacional da Educação/Ministério da Educação Nacional, 2, pp. 97–106.
- SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (1974–1977) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7–9, pp. 101–112.
- SPINDLER, Konrad; FERREIRA, Octávio da Veiga (1974) - Das vorgeschichtliche Fundmaterial aus der Gruta do Carvalhal/Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg, 15, pp. 28–57.